

## **AÇÕES COORDENADAS E O BRINCAR EM ENCONTROS INTERÉTNICOS**

**Luana Gabrielle Silva Santos**

**Vinicius Cassiano Rocha**

**Maikon Tchaka**

**Paula Rasia Lira**

**Briseida Dôgo de Resende**

Instituto de Psicologia /Universidade de São Paulo

luanagssantos@usp.br

### **Objetivos**

A Rede de Atenção à Pessoa Indígena, um serviço acadêmico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, organizou, em conjunto com comunidades Mbyá-Guarani, atividades nas quais crianças indígenas e não indígenas que moravam em São Paulo podiam passar a tarde juntas e compartilhar um tempo de brincadeira livre. Esses encontros foram concebidos como espaços educacionais promotores de protagonismo para pessoas indígenas no ensino da sua própria história e cultura para as pessoas não indígenas (Lira et al, 2021). Considerando que experiências interacionais positivas têm o potencial de mitigar o preconceito intergrupal, hipotetizamos que a brincadeira livre iria estimular ações coordenadas cooperativas entre as crianças (Skinner & Meltzoff, 2019).

### **Métodos e Procedimentos**

21 crianças Mbyá-Guarani e 61 crianças não indígenas participaram de dois “Encontros para Brincar”. Gravamos as interações sociais das crianças durante a brincadeira livre, selecionamos os primeiros e últimos 10 minutos de cada encontro e escaneamos a cada 30 segundos registrando as crianças brincando juntas. Em seguida, realizamos a Análise de Redes Sociais (Whitehead, 2009) para explorarmos os padrões de associações no começo e no fim de cada encontro. Depois

desenvolvemos transcrições focais contínuas (Altmann, 1974) para cada criança que estava nos conglomerados interétnicos de brincadeira. Utilizamos um etograma de comportamentos não verbais considerando direção do olhar e contato físico com objetos e parceiros.

### **Resultados**



**Figura 1.** Crianças brincando no Encontro 1.

Nossos resultados demonstraram que a brincadeira livre foi eficaz em promover ações coordenadas cooperativas entre crianças em grupos de idades mistas até oito anos de idade. No Encontro 1, os conglomerados interétnicos de brincadeira se configuraram como grupos de idades mistas. Observamos que ao final do Encontro o comportamento de *manipulação de objetos entre parceiros de diferentes etnias* foi significativamente mais alta ( $p=0,02$ ). Enquanto direcionar a *atenção para parceiros de interétnicos* também demonstrou um aumento no fim da atividade de brincadeira livre.



**Figura 2.** Crianças brincando no Encontro 2.

No Encontro 2, os conglomerados interétnicos de brincadeira foram formados por grupos de crianças da mesma idade. Ao final do evento, não houve nenhum comportamento de *manipulação de objetos com parceiros interétnicos*, e o *direcionamento da atenção para parceiros interétnicos* diminuiu.

## Conclusões

A brincadeira livre foi eficaz em estimular a coesão grupal e ações coordenadas cooperativas entre crianças de até oito anos em conglomerados de parceiros com idades mistas. Os Encontros para Brincar tem potencial de aplicabilidade como intervenção educativa, apresentando a capacidade de mitigar evitação de grupos étnicos em crianças, porém novos contextos interativos precisam ser desenvolvidos para melhor abranger crianças mais velhas e adolescentes.

## Referências Bibliográficas

- Altmann, J. (1974). Observational study of behavior: sampling methods. *Behaviour*, 49(3-4), 227-266.
- Lira, P., Moretti, C., Guimarães, D., & Resende, B. (2021). Group cohesiveness in children free-play activity: A Social Network Analysis. *International Journal of Psychology*, 56(6), 941-950. <https://dx.doi.org/10.1002/ijop.12777>
- Skinner, A. L., & Meltzoff, A. N. (2019). Childhood experiences and intergroup biases among children. *Social Issues and Policy Review*, 13(1), 211-240. <https://doi.org/10.1111/sipr.12054>
- Whitehead, H. (2009). SOCPROG programs: Analyzing animal social structures. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 63(5), 765-778. <https://doi.org/10.1007/s00265-008-0697-y>